



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS
HUMANOS NA AMÉRICA LATINA**

**O CORTE INDISCRIMINADO E O COMÉRCIO INFORMAL DA
MADEIRA Balsa NO TERRITÓRIO WAMPIS: UMA ANÁLISE
APROXIMATIVA A PARTIR DA IDEIA DE AUTONOMIA INDÍGENA**

JUANITA MILUSKA BUENDÍA MUÑOZ

Foz do Iguaçu
2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS
HUMANOS NA AMÉRICA LATINA**

**O CORTE INDISCRIMINADO E O COMÉRCIO INFORMAL DA
MADEIRA Balsa NO TERRITÓRIO WAMPIS: UMA ANÁLISE
APROXIMATIVA A PARTIR DA IDEIA DE AUTONOMIA INDÍGENA**

JUANITA MILUSKA BUENDÍA MUÑOZ

Artigo apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Direitos Humanos na América Latina

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Villagra Carron

Foz do Iguaçu
2022

JUANITA MILUSKA BUENDÍA MUÑOZ

**O CORTE INDISCRIMINADO E O COMÉRCIO INFORMAL DA
MADEIRA Balsa NO TERRITÓRIO WAMPIS: UMA ANÁLISE
APROXIMATIVA A PARTIR DA IDEIA DE AUTONOMIA INDÍGENA**

Artigo apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana como requisito parcial para a conclusão do curso de Especialização em Direitos Humanos na América Latina

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Juan Villagra Carron
Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA)

Profa. Dra. Soledad Villagra de Bierdermann
Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción (UCA)

Profa. Dra. Diana Araújo Pereira
Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA)

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo da autora : Juanita Miluska Buendía Muñoz

Curso : Especialização em Direitos Humanos na América Latina

		Tipo de Documento
(.....) graduação	(X) artigo	
(X) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso	
(.....) mestrado	(.....) monografia	
(.....) doutorado	(.....) dissertação	
	(.....) tese	
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais	

Título do trabalho acadêmico : A tala indiscriminada e o comercio informal da balsa no território wampis. Uma análise aproximativa a partir da ideia de autonomia indígena.

Nome do orientador : Dr. Rodrigo Villagra Carron

Data da Defesa :20/09/2022

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a meus pais, os quais estiveram-me apoiando em tudo este processo, e a minha família que sempre é um motor essencial na minha vida.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao Deus por me permitir continuar crescendo profissionalmente e brindando-me novas oportunidades em outros espaços.

Agradeço ao meu orientador pela motivação e ser uma referência em matéria de povos indígenas.

Agradeço o companheiro Adriano por sua paciência e apoio em tudo este processo.

Agradeço às irmãs e irmãos wampis pelo carinho e apoio, especialmente a Jempe, quem é um exemplo de liderança e de perseverança na luta pela livre determinação dos povos indígenas e originários.

Agradeço a UNILA por ser um espaço inclusivo e diverso, presente nos debates dos estudos latino-americanos, especialmente, de povos indígenas u originários.

Agradeço os colegas que abraçam as causas justas e são meu referente para continuar instruindo-me neste caminho.

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem – fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que eu consigo pensar é natureza.

Ailton Krenak (2020, p. 9-10)

RESUMO

Desde o início da pandemia, a atividade extrativa aumentou na Amazônia peruana, afetando especialmente o território wampis no distrito de Rio Santiago, na província de Condorcanqui, departamento do Amazonas. O corte ilegal de madeira de balsa tem sido uma alternativa para as famílias wampis que não puderam ganhar uma renda devido à crise provocada pelo coronavírus. Isto resultou em vários conflitos sociais no território. Em geral, estas atividades extrativas são lucrativas para aqueles que as promovem, mas geram efeitos negativos extensos e intensos sobre o meio ambiente e sobre as comunidades que dependem diretamente do meio ambiente natural. Entre os principais efeitos desses processos estão a destruição das florestas, a contaminação dos rios, o empobrecimento das bases materiais que sustentam a existência dos povos indígenas, e a perda cultural. Este artigo procura explicar o processo de defesa do território pela nação wampis contra o desenvolvimento do corte ilegal e do comércio informal de madeira de balsa. Vale a pena mencionar que o Governo Autônomo da Nação Wampis tratou deste problema enfrentando a expansão da fronteira extrativa com base em sua livre autodeterminação, que é entendida com base na relação íntima dos wampis com seu território, que foi encarnada no *tarimat pujut* ou viver bem.

Palavras-chave: corte ilegal; autonomia indígena; wampis; território integral.

RESUMEN

Desde inicios de pandemia, la actividad extractiva se ha incrementado en la Amazonía peruana afectando especialmente territorio wampis del distrito de río Santiago, en la provincia de Condorcanqui, departamento de Amazonas. La actividad de la tala ilegal de madera balsa ha sido una alternativa para las familias wampis que se vieron limitadas de conseguir ingresos debido a la situación de crisis que se estaba viviendo por el coronavirus. Esto ha traído como consecuencia diversos conflictos sociales en el territorio. En general, estas actividades extractivas son rentables para quienes las promueven, pero generan extensivos e intensos efectos negativos en el entorno y en las comunidades que dependen directamente del medio natural. Entre las principales afecciones que comportan estos procesos se debe mencionar la destrucción de bosques, contaminación de ríos, empobrecimiento de bases materiales que sustenta la existencia de pueblos originarios locales y la pérdida cultural. El presente artículo busca explicar el proceso de defensa del territorio por parte de la nación wampis frente al desarrollo de la tala ilegal y comercio informal de la madera balsa. Cabe mencionar el Gobierno Autónomo de la Nación Wampis ha lidiado con esta problemática haciendo frente a la expansión de la frontera extractiva en base a su libre autodeterminación, la cual se comprende a partir de la íntima relación de los wampis con su territorio, lo que se ha plasmado en el *tarimat pujut* o buen vivir.

Palabras clave: corte ilegal; autonomía indígena; wampis; territorio integral.

ABSTRACT

Since the beginning of the pandemic, extractive activity has increased in the Peruvian Amazon, especially affecting the Wampis territory in the district of Rio Santiago, in the province of Condorcanqui, in the department of Amazonas. Illegal logging of balsa wood has been an alternative for wampis families who have not been able to earn an income due to the crisis caused by the coronavirus. This resulted in various social conflicts in the territory. In general, these extractive activities are profitable for those who promote them, but they generate extensive and intense negative effects on the environment and on communities that depend directly on the natural environment. Among the main effects of these processes are the destruction of forests, contamination of rivers, the impoverishment of the material bases that sustain the existence of indigenous peoples, and cultural loss. This article seeks to explain the process of defending the territory by the Wampis nation against the development of illegal logging and the informal trade in balsa wood. It is worth mentioning that the Autonomous Government of the Wampis Nation addressed this problem by facing the expansion of the extractive frontier based on their free self-determination, which is understood on the basis of the intimate relationship of the Wampis with their territory, which was embodied in the *tarimat pujut* or "good living".

Key words: illegal logging; indigenous autonomy; wampis; integral territory.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Reunião de autoridades do GTANW e PSHA	28
--	----

LISTA DE IMAGEM

Quadro 1 – Mapa do território wampis	15
Quadro 2 – Lugar do sequestro dos líderes wampis	22

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
A ORGANIZACAO SOCIOPOLITICA DOS WAMPIS	15
O CORTE ILEGAL DE MADEIRA Balsa	19
O IMPACTO DO CORTE ILEGAL DA Balsa NA SOCIEDADE WAMPIS	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

Desde o início do século XX, a atividade madeireira tem sido um fenômeno que caracterizou a Amazônia peruana. Durante a pandemia, a atividade de exploração madeireira balsa¹ tem se intensificado nas comunidades wampis do rio Santiago, gerando impactos sociais e ambientais no território, além de incentivar uma economia informal para a população que se beneficia dela. A isto devem ser acrescentados os efeitos gerados pela mineração ilegal e pelo tráfico de drogas, que complicam ainda mais a situação.

A demanda da China por madeira de balsa (*Ochroma pyramidale*, ou *Ochroma lagopus* ou *Ochroma bicolor*) para a indústria de energia eólica levou o Equador a exportar 77.140 toneladas dessa matéria-prima em 2020. Esta atividade se espalhou para o Peru, afetando as comunidades Wampis de alto, médio e bajo Santiago, atingindo o território de Awajún.

A articulação de vários atores para essa dinâmica incluiu pessoas estrangeiras e nativas da área, desde intermediários comerciantes de madeira no Equador, de nacionalidade equatoriana, venezuelana e colombiana, até a própria população wampis, a população awajún, as rondas nativas, entre outros.

Um problema sério que surgiu e continua a existir é a falta de controle na fronteira Peru-Ecuador. A entrada de madeireiros ilegais em território peruano por rio sem qualquer controle impediu que esta atividade extrativista fosse regulamentada. Embora exista um Posto Integral de Vigilância de Controle Territorial “Cahuide”, localizado no setor de competência do Batallón de la Selva N° 85, em Ampama, no Peru, de acordo com lideranças wampis, não possui a logística necessária para que as autoridades encarregadas realizem suas funções, de modo que os madeireiros na época ofereceram subornos para serem permitidos acesso livre e saída do território peruano com a madeira extraída. Além disso, considerando a pandemia, era mais provável que a população pudesse ser infectada entrando em contato com comerciantes intermediários, que chegaram de cidades como Guayaquil ou Quito.

Este grande negócio da balsa teve como seu maior beneficiário a empresa privada e, diretamente, os intermediários dedicados ao tráfico ilícito de madeira; os menos favorecidos na cadeia foram as famílias que venderam a madeira pelo baixo preço oferecido pelos comerciantes. Devemos considerar também a inação do Estado peruano para

¹ No presente artigo, utilizo a palavra balsa ou topa como sinónimos. Os wampis usualmente a conhecem como topa, enquanto os shuar do Equador a conhecem como balsa.

resolver este problema, ainda mais considerando o contexto da pandemia. Tudo isso tem gerado uma situação de insegurança, promovendo conflitos internos e externos nas famílias, comunidades vizinhas e até nas próprias organizações indígenas.

O discurso conservacionista do Governo Autónomo da Nação Wampis (GTANW) expressou sua rejeição à superexploração da madeira balsa, devido à forma agressiva como vem se desenvolvendo, sem respeitar os espaços sagrados, que se constituem como um espaço territorial que permite a reprodução cultural e social dos wampis, como as zonas tampão da Zona Reservada de Santiago Comaina e do Parque Nacional Ichigkat Muja.

Nesse sentido, a Nação Wampis tem implantado esforços valiosos para coibir essa atividade ilícita, através da supervisão de locais de colheita de madeira, com o apoio de rondas nativas, mesmo conseguindo apreender barcos de madeira extraídos ilegalmente por comerciantes intermediários.

Considerando o exposto, surge a seguinte questão de pesquisa: **quais são os impactos sociais da extração de madeira balsa na sociedade wampis durante a pandemia da COVID-19?**

Este trabalho de pesquisa busca tornar conhecida, nesse sentido, as estratégias e ações exercidas pelo GTANW para deter uma das atividades extrativistas que surgiu com força no contexto da pandemia: a derrubada indiscriminada da madeira de balsa. A delimitação da área de estudo está localizada na área afetada pelo desenvolvimento dessa atividade, no território wampis, especificamente nas comunidades do distrito de rio Santiago, província de Condorcanqui, região do Amazonas². Sobre a temporalidade, optei por estudar esse fenômeno no período pandêmico, entre 2020 e 2021.

A importância desta pesquisa, portanto, reside em estudar a forma como os Wampis atuaram diante de incursões não autorizadas em seu território. A partir disso é possível compreender um pouco mais sobre a relação entre wampis e natureza, seu processo de tomada de decisão política, bem como o comportamento das famílias frente à atividade extrativista de madeira balsa que surgiu em uma emergência como a pandemia.

A metodologia que escolhi para responder ao problema da pesquisa é a etnografia. A escolha metodológica justifica-se sob a alegação de que busca saber mais sobre os comportamentos dos agentes, e "[...] só eles mesmos podem dar um relato do que pensam, sentem, dizem e fazem em relação aos eventos que os envolvem" (GUBER, 2014, p. 16).

² Embora o território Wampis seja extenso e inclua ambos os departamentos do Amazonas e Loreto, no caso das comunidades Wampis de Morona, não surgiu tal problema; a área de Santiago sofreu o maior desmatamento de árvores topa (árvores de madeira) no contexto da pandemia.

Neste ponto, vale a pena mencionar um pouco da minha experiência com o povo Wampis. Meu relacionamento com eles remonta a 2018, quando tive a oportunidade de conhecer Wrays Pérez, ex-Pamuk da GTANW. Lembro que estava procurando conversar com pessoas que participaram do processo de consulta prévia da regulação florestal e da fauna, no âmbito da minha tese de graduação, e o entrevistei porque participou de uma das fases. Depois disso, ele me contou sobre o processo de autonomia wampis, isto é, ao Governo Territorial Autônomo da Nação Wampis (GTANW), o qual não havia ouvido muito sobre, onde ele era um Pamuk desde sua formação em 2015. Ele me disse que seria bom para mim conhecer o território wampis e foi assim que eu consegui ir. Minha primeira visita foi às comunidades do Rio Santiago, no Amazonas. Consegui conhecer a comunidade de Soledad. Depois, conheci as comunidades do Rio Morona, em Loreto. Dessa forma, vi de perto o trabalho de Wrays como um pamuk, acompanhando-o às diversas comunidades, em sua interação com diversas autoridades e com a população. Wrays sempre foi uma pessoa bastante ocupada com uma visão bastante clara sobre a política da nação Wampis. Honrando sua frase "tempo é água", tudo para ele tinha que ter um planejamento e organização, uma característica dele que lhe permitiu concretizar muitos objetivos. Foi assim que ele colocou o GTANW nos olhos do mundo.

Minhas viagens ao território wampis foram feitas em 2018, 2019 e 2021, o que me permitiu conhecer vários líderes como habitantes da área. Vale ressaltar que em 2021 entrei para a ONG Fórum Solidaridad, onde coordenamos algumas ações com o GTANW; o processo para o reconhecimento dos rios Santiago e Morona como sujeitos de direito está sendo preparado. Em uma das reuniões de trabalho, consegui conhecer os novos Pamuk e Vice-Pamuk do GTANW, Teófilo Kukush e Galois Flores.

Assim, com base na minha intenção de realizar esta pesquisa, participei da Cumbre Extraordinaria do GTANW, realizada do 5 ao 8 de outubro na comunidade de Soledad, assim como passei um tempo nas comunidades de Galilea e Chosica, todas pertencentes ao Distrito do Río Santiago, provincia de Condorcanqui. Nesse trajeto, entrevistei Wray Perez (ex-pamuk do GTANW), Galois Flores Pizango (Vice-Pamuk do GTANW), Atilio Nayap Santiago (ex-secretário do GTANW e participante da Escola Sharian), Alexis Santiago (jovem wampis da comunidade Kukuaza), Robert Hinojosa (ex-vice-secretário do GTANW), Urias Sharup (ex-presidente da comunidade Villa Gonzalo), Leonardo Noningo (Diretor de Economia do GTANW), Atilio Noningo (ex-secretário de GTANW) e Doris Yacum (líder wampis). Cabe esclarecer que essas pessoas aceitaram livremente ser mencionadas neste trabalho.

O presente trabalho é dividido em três partes. Na primeira, descrevo a organização sociopolítica dos wampis na Amazônia Norte do Peru diante do seu processo autonômico. Após, abordo o desenvolvimento do corte ilegal da madeira balsa no território wampis, e as ações feitas pela GTANW diante do conflito ocasionada pelas atividades extrativas no território wampis. Posteriormente, realizo uma análise dos impactos da extração de madeira balsa no território wampis que afeta as comunidades locais.

A ORGANIZACAO SOCIOPOLITICA DOS WAMPIS

Os Wampis, anteriormente chamados "Huambisa", palavra de origem quíchua da qual vem sua adaptação atual (RIOL, 2015, p. 50), pertencem à família etnolinguística Jívaro, que inclui os idiomas Shuar, Achuar e Awajún. Seu território está localizado nas margens do rio Santiago ou Kanus, na província de Condorcanqui, região Amazonas, e do rio Morona ou Kamkaim, na província de Datem del Marañon, região Loreto, na fronteira com o Equador (INFORME JURÍDICO DEL GTANW, 2017).

Os Wampis têm uma população estimada de 15.300 habitantes, vivendo em 22 comunidades tituladas em todo o território Wampis, que compreende 1.327.760 hectares (PÉREZ, OKAMOTO e NIEDERBERGER, 2021, p. 1). A maioria da população está atualmente localizada em áreas ribeirinhas, mas existem assentamentos perto de Ichinkat Mura ou Cordillera del Cóndor, e em trechos de afluentes esquerdos do Kanus (BARCLAY, 2020, p. 268).

Imagem 1. Mapa do território wampis



Fonte: GTANW

Os Wampis têm uma economia de subsistência baseada na caça, horticultura, pesca e coleta, que são suas principais atividades econômicas.

Os Wampis realizam alguma atividade comercial nos centros mestiços da Galileia ou La Poza. Esta atividade inclui, por parte dos homens, a venda de peixes e animais selvagens; no caso das mulheres, a venda de aves, tais como frangos, e produtos de suas fazendas para restaurantes. Deve-se notar que nesses lugares, as famílias aproveitam a oportunidade para abastecer-se de combustível e comprar mantimentos e roupas. Atividades de subsistência são organizadas em torno da casa, que é o centro de operações e o centro da vida social em geral. Através de redes interdisciplinares, cada uma das casas está associada a vinte residências, distribuídas em um espaço relativamente circunscrito, ligadas por graus de parentesco ou laços de aliança estreitos (Relatório Antropológico GTANW, 2017).

Em termos de organização social, os papéis masculino/feminino são muito marcados, restringindo as mulheres à esfera doméstica e agrícola, enquanto os homens estão confinados à esfera pública e política. A ausência da participação das mulheres na construção de alianças intercomunitárias e na política, no entanto, não significa que elas estejam completamente afastadas da arena política; a influência é exercida indiretamente através de seus maridos. No entanto, isto representa um risco na vida das mulheres, pois elas vivem com a ameaça de seus parceiros fazendo-as escolher entre participar da política ou estar no comando da casa (CASTILLO, 2019, p. 145).

A história dos wampis é uma história de luta e resistência. No período pré-colonial, lutaram contra os Iwas e os Incas, depois, durante o período colonial, contra maus tratos por parte dos militares, exploração por seringueiros e comerciantes de couro, que os utilizavam como trabalhadores (IWGIA, 2019, p. 11). Esta expertise em enfrentar e resistir a vários tipos de invasões que buscavam ocupar o seu território, permitiu-lhes serem reconhecidos como um povo guerreiro (BARCLAY e NONINGO, 2021, p. 573).

A partir do século XVI, os intentos de avanço dos espanhóis foram repelidos por rebeliões locais e, especialmente, rebeliões articuladas dos wampis com outros povos, como o Awajún e o Yakinia Shuar (Ibidem).

É importante mencionar que, embora, hoje em dia, os wampis e os awajún formem geralmente alianças, historicamente, ambos viveram num estado de guerra constante. Os awajún levaram a cabo diversas incursiones contra os wampis, especialmente com os que habitavam nas margens do Rio Santiago. (GREENE, 2009, p. 78).

Desde as primeiras tentativas de conquista colonial até a atualidade, diante das ameaças dos *apach*, “brancos” ou “mestiços”, a história dos wampis se caracteriza pelas constantes insurreições.

A lo largo de estos siglos, las relaciones entre Wampis y *apach* se han alternado periodos de negociación e intercambio y periodos de grandes turbulencias, donde se sucedían ataques y rebeliones indígenas ante los abusos cometidos por los colonizadores, donde se sucedían ataques y rebeliones indígenas ante los abusos cometidos por los colonizadores (según el periodo: conquistadores, misioneros, caucheros, militares, empresas multinacionales, etc.) (INFORME JURÍDICO DEL GTANW, 2017, p. 10).

Os wampis conseguiram permanecer na fronteira do sistema colonial europeu. Até o século XIX, os wampis se mantiveram como um povo distinto e diferenciado com "nome próprio" e autonomia territorial, apesar de existir algum contato pelo comércio. Durante o século XX, conseguiram manter relações permanentes com a sociedade do entorno, com as atividades dos missionários evangélicos e católicos (REGAN MAINVILLE, 2010, p. 24).

A autonomia político-territorial dos wampis exercida desde tempos imemoriais se baseia na noção de território integral, a qual está ligada ao habitat natural, o qual está constituído por diversos seres da ‘natureza’ que têm alma própria. Isso permite que eles mantenham uma relação estreita de respeito pela natureza.

O território integral não se limita apenas à floresta e ao rio, a partir do qual as famílias se sustentam, obtêm alimentos, materiais de construção para as suas casas e medicamentos naturais; trata-se de espaços de inter-relação e interação com outros tipos de seres (REGAN MAINVILLE, 2010, p. 24), tais como: água, colinas, quedas de água, animais e pessoas, espíritos da floresta (RIOL, 2015, p. 47),

[...] Los territorios que ocupa la nación Wampis constituyen un sistema de vida y es integral: el hábitat y la integración sistémica y holística. Todo está integrado: tierra, sub suelo, cielo, cosmos, agua y las fuerzas inmateriales (arutam o espíritus)³, medio ambiente, seres vivos, biodiversidad (especies, ecosistemas) (PACTO DE LA IV CUMBRE DEL GTANW, 2016, p. 6).

Historicamente, a organização política dos wampis não se caracterizava por ter uma forma de governo centralizado, ou seja, carecem de uma autoridade política centralizada. Mas, nos momentos de luta, se reconhecem autoridades autónomas sob a direção do líder gerando uma autoridade, mais ampla, na figura do *pamuk* (PÉREZ e DELGADO, 2019, p.

³ Cf. Anne-Christine Taylor (2003), Descola ([2006] 2012).

125). O *pamuk* é o homem que obteve a visão, e que, com isso, tem o poder e se torna conselheiro ou orientador, com poder espiritual para a guerra (CALDERÓN, 2013, p. 21).

Desde os anos 70, o território tem sido objeto de disputa entre os wampis e o Estado peruano, que tem implementado planos de colonização na área. Após tentativas de integração do território através da colonização, os wampis procuraram se manter à margem, organizando-se inicialmente como o Conselho Aguaruna Huambisa (CAH), juntamente com os Awajún.

Em 2015, subsequentemente, os wampis se constituíram como Governo Autónomo da Nação Wampis (GTANW) – referida anteriormente -, a qual é a primeira autonomia indígena no Peru, respaldada pelo marco internacional que os protege, especialmente, a DNUDPI⁴, que consagra o direito à livre determinação dos povos indígenas (art.4).

Em resposta à exclusão do Estado peruano e, considerando especialmente o conflito acontecido em 2009, “El Baguazo”⁵, onde o povo wampis foi um dos protagonistas, empreenderam seu caminho pela autonomia e livre determinação, por meio da conformação do Governo autônomo.

A constituição da Nação Wampis se fundamenta nos seguintes documentos: “...a perícia antropológica da existência sócio-histórica do território demandado; a reportagem legal baseada nos estândares internacional e nacionais sobre os direitos dos povos indígenas; a reportagem cartográfica com um mapa cultural delimitando as fronteiras do território; o estatuto constitutivo do GTANW” (ODDO e VEGA, 2020, p. 69).

É importante referir que o estatuto do GTANW define o território como vivo, abrigando uma variedade dos seres humanos e não humanos que se interrelacionam. Assim, ao invocar *tsunki*, *nunkui*, *ujumak* e os demais seres da natureza, o estatuto se afasta do uso exclusivo de terminologia técnico-jurídica nas declarações públicas passadas das organizações políticas wampis (NIEDERBERGER, 2019, p. 63).

The first ordinance of the GTANW stresses the importance of *nunkui*, “provider of fertility of the earth and the reproduction of seeds, guarantor of abundance and food security, facilitator of spiritual strength of women and inspiration for the norms and techniques for sustainable treatment of soils, and of *tsunki*, origin of the knowledge about management of the springs, aquatic fauna and fishery practices (NIEDERBERGER, 2019, p. 71).

⁴ Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas.

⁵ Em 5 de junho de 2009 se enfrentaram forças policiais contra membros dos povos awajún e wampis, os quais protestavam em face dos decretos legislativos que atentaram contra os direitos dos povos indígenas, promulgados pelo Governo do ex-presidente Alan García e elaborados no contexto da assinatura do Tratado de Livre Comércio com EUA.

Neste sentido, os wampis, mantendo a sua autonomia organizacional, procuram reforçar o seu sentido de identidade, protegendo a floresta amazônica face à ameaça de projetos de colonização, extração dos meios de vida e imposição de modelos de desenvolvimento hegemônicos, que os ameaçam.

O CORTE ILEGAL DE MADEIRA Balsa

A prática do corte da balsa afetou o território wampis no distrito de rio Santiago, província de Condorcanqui, no Amazonas durante a propagação da pandemia no Peru. O primeiro afluxo de forasteiros foi relatado em meados de 2019, mas foi somente em meados de 2020, quando entraram com maior intensidade, que a atividade madeireira se expandiu, trazendo sérias consequências para a Amazônia peruana.

Dada a escassez de madeira de balsa no Equador – a partir de sua depredação acelerada nos últimos anos -, os balseiros, em sua maioria equatorianos e, em menor escala, venezuelanos e colombianos, começaram a entrar no território wampis para extrair ilegalmente essa madeira, transportando-a de barco ao longo do rio Santiago até a fronteira com o Equador, sem qualquer tipo de controle por parte do Estado peruano.

Em uma conversa com Atilio Nayap Santiago, ex-secretário do GTANW e participante da Escola Sharian, ele me disse que os “balseiros” do Equador entraram na primeira comunidade fronteiriça do rio Santiago, a comunidade de Yama Nunka, em meados de 2019, com o objetivo de comprar madeira de balsa. No início, diz ele, esta atividade era realizada com baixa intensidade e de forma ilegal.

En aquel tiempo, a mediados del 2019, los vecinos ecuatorianos ya entraban por la frontera de Río Santiago, a la comunidad de Yama Nunka. Ellos entraban a comprar topa de manera ilegal a las familias, a los padres, sin comunicar a las autoridades o imaros de la comunidad; era prácticamente algo independiente. Compraban al principio a 5 soles... después fueron bajando hasta Ampama (Atilio Santiago, 06/10/2021)

Posteriormente, desde janeiro de 2020, o corte ilegal de madeira de balsa aumentou no território de wampis. Havia uma presença maior de equatorianos na bacia de Kanús; eles chegaram com suas máquinas, serrarias e outras ferramentas para trabalhar amadeira. Vale mencionar que este problema ocorreu durante o período do primeiro *pamukda* Nação Wampis, Wrays Pérez (2015-2020), como apontado pelo vice-*pamuk* do GTANW, Galois Flores Pizango.

El problema con la topa⁶ comenzó en el gobierno anterior de la Nación wampis, con el *expamuk* Wrays Pérez. En ese tiempo, la tala ilegal fue bien fuerte por el ingreso de los hermanos ecuatorianos, pues al haber terminado las topas de su país empezaron a ver las oportunidades en Perú. Como nuestro territorio nación wampis es intacto, había un montón de madera tipo topa en las cuencas de los ríos, los bordes estaban llenos de topa; entonces, viendo esas facilidades, debilidades y necesidades de nuestros hermanos wampis, ingresaron a nuestro territorio ofreciendo algo de economía. En este caso, empezaron a ofrecer a 5 dólares el pie, y como nunca se había vendido topa, y esa madera abundaba, y además tiene 5 años de vida, si esa topa no la utilizas, procesas, se muere en 5 años. Por eso, los hermanos wampis empezaron a vender, aprovechando esas oportunidades que traían los hermanos ecuatorianos (Galois Flores, 08/10/2021).

No início daquele ano, os madeireiros ilegais entraram novamente na comunidade indígena Yama Nunka em Alto Santiago. Desta vez a entrada foi massiva, pois houve uma maior demanda internacional pela madeira. Isto encorajou o desmatamento da balsa amazônica; as balseiras começaram a cortar maciçamente a balsa virgem que cresce nas ilhas e margens do Rio Santiago. O vice-*pamuk* do GTANW, Galois Flores relata o seguinte:

La primera comunidad que empezó a vender fue Yama Nunka, desde allí empezó. Hubo comentarios de que la madera topa es una madera abundante y que era bien apreciado por los ecuatorianos, entonces los ecuatorianos empezaron a tumar topa y venderlos. El precio inicial era 5 dólares después pasó a 8 dólares y llegó hasta 10 dólares en Yama Nunka, después fueron bajando esos precios; en Bajo y Medio Santiago vendían a 5 dólares el pie que fue el tope (Galois Flores, 08/10/2021).

Posteriormente, em fevereiro, os intermediários foram para a comunidades de Kukuaza e outros. Isto é o que diz Alexis Santiago, um jovem wampis da comunidade de Kukuaza:

En febrero habían llegado unos compradores a Kukuaza, por primera vez; nos enteramos de que compraban topa. Para nosotros era sorprendente porque ningún comerciante ecuatoriano nos había comprado antes, parecía una broma, no confiábamos en ese negocio de la topa, pero cuando iban llegando los compradores empezaron a negociar. El precio empezó con un dólar, y con el cambio a soles era 3 soles el cambio. En ese periodo la gente empezó a vender topa con un dólar, todo el mes de febrero vendieron con ese precio (Alexis Santiago, 09/10/2022).

Em março, no entanto, esta atividade desacelerou à medida que um novo cenário surgiu em todo o mundo, a pandemia de coronavírus. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou o surto da doença coronavírus (COVID-19), que caracterizou como uma pandemia. A este respeito, o governo peruano, através do Decreto Supremo N° 008-2020-PCM, declarou uma emergência sanitária nacional. Então, em 15 de março, declarou estado de emergência nacional e ordenou o isolamento social

⁶ A “topa” se trata de um nome local para se refere à madeira de balsa na região.

obrigatório, através do Decreto Supremo N° 044-2020-PCM, para conter a propagação da COVID-19.

Com estas novas disposições, o Governo Territorial Autônomo da Nação Wampis (GTANW) deu o primeiro passo para fechar as fronteiras de seu território no final de março. Também elaborou e implementou seu próprio plano de contingência, e até forneceu combustível aos membros das Forças Armadas para guardar a fronteira e controlar a entrada de pessoas no território, uma vez que eles não tinham a logística para realizar seu trabalho. Isto foi feito com o apoio das patrulhas nativas da área para a vigilância das fronteiras.

Após o fechamento da fronteira, não houve muita demanda de madeira de balsa na área. Nas palavras de Alexis Santiago, "quando a pandemia chegou em março, a fronteira estava fechada e os compradores retornaram ao Equador". Em abril, maio e junho, não havia mais muitas compras na área; os compradores haviam se retirado.

No entanto, em julho, os madeireiros ilegais entraram no território com maior força, especialmente em Bajo Santiago, e a atividade foi retomada com maior intensidade⁷.

Después de un mes de cierre, de nuevo se apertura la frontera, y los hermanos ecuatorianos volvieron a ingresar ya en la segunda fase. Como se había exterminado la topa hasta Medio Santiago, los ecuatorianos se fueron directamente a Bajo Santiago, se fueron donde estaban los aguarunas, que también es parte del territorio de nación wampis. Allí la gente empezó a vender porque vieron una oportunidad. Compraban la topa a 5 dólares el pie, imagina un tipo de árbol que solo tiene cinco años de vida... la gente vio esa facilidad en vender (Galois Flores, 08/10/2021).

En el mes de junio y julio, como el gobierno dijo que estaba mejorando la situación de pandemia, y se estaba frenando el contagio... de repente llegaron masivamente los compradores, los intermediarios, y todas las comunidades que pertenecen a río Santiago se habían sumado a esto, cada comunidad. Hubo un gran negocio con la gente. Por comunidad había 4 compradores y se repartían. Los ecuatorianos se multiplicaron en las comunidades porque no había movimiento económico. El dólar ya estaba en movimiento en las comunidades, desde Galilea hasta la última comunidad de Santiago en Perú (Alexis Santiago, 09/10/2021).

Segundo Alexis Santiago, em junho e julho, quando a pandemia já estava sob controle, os madeireiros chegaram de repente a todas as comunidades do rio Santiago. Eles chegaram em grupos e se espalharam em cada comunidade, quatro por comunidade, aumentando as chances de contágio à população.

En febrero de 2020 habían llegado unos compradores, por la primera vez, antes del COVID. Después, en marzo, cuando el gobierno dio restricciones por la pandemia, los compradores ya no entraban mucho, pero ellos tenían ingreso libre, entraban en

⁷ Cabe destacar que em 7 de julho foram notificados 5 casos que testaram positivo para COVID na comunidade de Soledad. O vírus estava começando a se espalhar no território wampis.

cualquier momento; venían de Colombia, Venezuela; no solo eran ecuatorianos, claro que en un momento no nos dábamos cuenta, pero hacían contacto con las personas. En el mes de julio, agosto, en esos meses, el gobierno dijo que estaba mejorando la situación, de repente llegaron compradores a todas las comunidades de río Santiago. Por cada comunidad habían 4 compradores, estaban en grupo y se repartían por comunidad. Esto también ayudó a que el COVID se expanda en las comunidades (Alexis Santiago, 09/10/2021).

Os wampis geralmente permaneciam em suas comunidades sem ter muito contato com pessoas de fora, de modo que era improvável que eles fossem infectados; no caso de pessoas de fora, intermediários equatorianos entraram no território a partir de cidades como Quito, e não apenas equatorianos, mas também venezuelanos e colombianos entraram, o que tornava o contágio entre os próprios wampis mais provável.

Da mesma forma, em agosto, foi relatado que "o avistamento de barcos com carregamentos de madeira rumo à fronteira com o Equador", e foi mencionado que "no caso do rio Santiago, este tráfico e comércio ilegal de madeira começa nas comunidades Wampis do Alto Santiago a partir da zona tampão da zona reservada de Santiago de Comaina e do parque nacional Ichigkat Muja... atividade que está sendo promovida e realizada por pessoas de nacionalidade equatoriana" (GPPD-CNDDHH, 2021, p. 9).

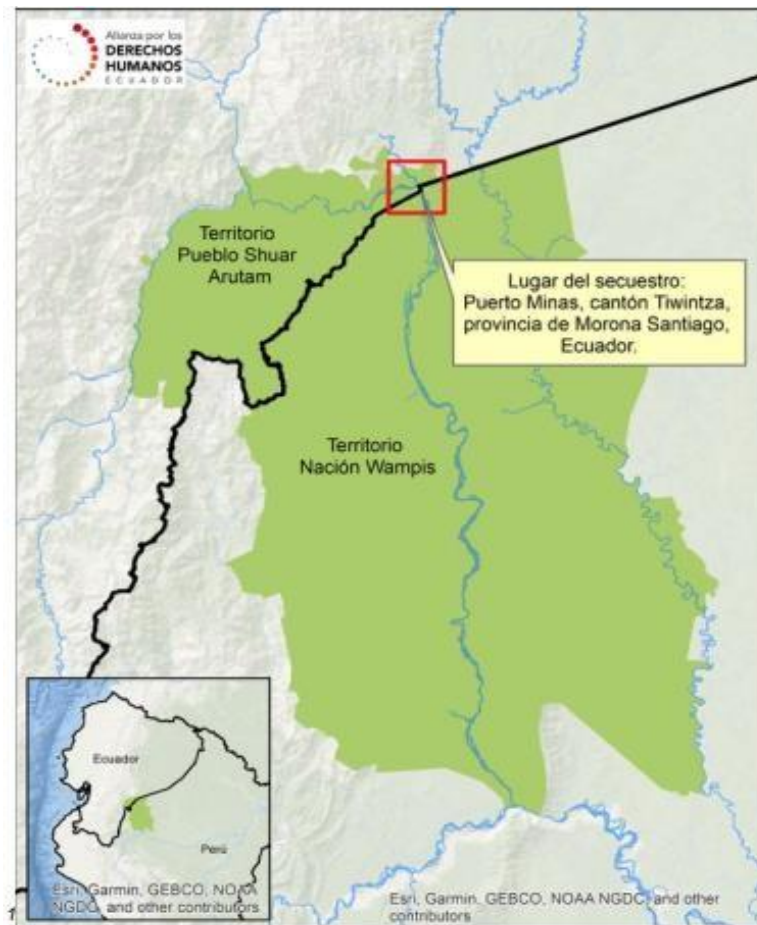
Entretanto, em 24 de novembro de 2020, os habitantes da Comunidade Soledad, com o apoio dos wampis da Galileia, pararam sete barcos que transportavam madeira extraída ilegalmente. No entanto, diante das ameaças dos balseiros ou jangadeiros, na madrugada de 26 de novembro, os membros da comunidade decidiram deixá-los ir.

Em represália, em 2 de dezembro, os madeireiros equatorianos detiveram 18 wampis em Puerto Minas, o lugar onde a balsa que sai do Peru é armazenada e de onde é transportada para várias partes do Equador. Os três líderes do GTANW e 15 jovens membros da Escola Sharian estavam a caminho de San Juan de Morona para uma oficina de treinamento, mas quando foram detidos em Puerto Minas por madeireiros ilegais, não puderam completar sua viagem. Os madeireiros exigiram a liberação dos barcos com madeira na posse da nação Wampis, a fim de libertar o grupo que estavam detendo.

De acordo com Wrays Perez, *expamuk* do GTANW:

El grupo estaba yendo en dirección a Morona para desarrollar un taller de la Escuela Sharian, y los ecuatorianos los retuvieron a medio camino para pedir que devuelvan sus embarcaciones que estaban decomisadas en el territorio. Allí se encontraba Juan Noningo, Gil Inoach, Clovis, junto con los jóvenes de la Escuela (12/10/201).

Imagem 2. Lugar do sequestro dos líderes wampis



Fonte: Alianza por Derechos Humanos, 2020

Segundo o relato de Robert Hinojosa, ex-vice-secretário do GTANW, que estava com a comitiva realizada em Puerto Minas, o barco em que ele estava a bordo chegou à fronteira às 17h. Lá, cerca de 40 homens se aproximaram, carregando paus e exigindo a devolução dos carregamentos de madeira que haviam sido retidos. O pedido foi para que a Autoridade Ambiental Regional do Amazonas (ARA) ordenasse a liberação da madeira que havia sido confiscada. Ele disse: “Intentamos regresar, pero ellos ya tenían amarrada nuestra embarcación. Eran muchos y no podíamos hacer mucho. Estaban muy molestos y tenían ganas de agredirnos si intentábamos arrancar el bote” (Robert Hinojosa, 14/10/2021).

Em resposta, o ARA Amazonas interveio e foi decidido “dejar ir las embarcaciones que habían sido incautadas”. Em troca, os madeireiros ilegais equatorianos tiveram dois dias para se retirarem do território peruano. Isto permitiu que os wampis detidos fossem libertados na noite de 2 de dezembro.

Esta detención de los líderes wampis en Ecuador fue una respuesta a la detención de sus embarcaciones en Soledad. No estábamos de acuerdo con que realicen esa actividad de forma ilegal, era necesario cerrar esa actividad, por eso actuamos

respetando los acuerdos tomados. Finalmente, se solucionó el problema sin mayor novedad (Urias Sharup, ex Presidente Titular de la Comunidad Villa Gonzalo (11/10/2021).

É importante ressaltar que, apesar da participação de uma autoridade estatal peruana como mediador, não existiam protocolos de cooperação internacional, como poderia ocorrer em casos de crimes que ocorrem em um país e se estendem a outro, nem houve qualquer envolvimento da polícia do Peru ou do Equador, o que, em certa medida, denota a falta de aparato institucional do Estado na região amazônica. Além deste caso, os Wampis fornecem às Forças Armadas veículos para patrulhar a fronteira, bem como a falta de supervisão adequada das atividades extrativistas.

No entanto, em 2021, a GTANW continuou a lutar contra o corte ilegal de madeira. No final de março, a Nação Wampis enviou cartas a várias entidades estatais para tomar medidas concretas contra este problema; no entanto, não houve resposta.

Deve-se notar que em 21 de março de 2021, as eleições gerais do GTANW foram realizadas nas duas bacias, Kanus e Kankaim. As autoridades eleitas para o período 2021-2025 foram Teófilo Kukush como o novo *pamuk* (presidente) e Galois Flores Pizango como *pamuka ayatke* (vice-presidente). Assim, Wrays Perez deixa a posição de *pamuk* e se torna parte da equipe de assessores da GTANW e do Conselho dos Sábios.

O IMPACTO DO CORTE ILEGAL DA Balsa NA SOCIEDADE WAMPIS

O corte indiscriminado de balsa teve sérias consequências para o território Wampis, que tem sido afetado ambiental e socialmente.

As comunidades wampis do rio Santiago relataram a presença de estranhos no território desde meados de 2019, fato que se intensificou em meados de 2020, durante o período pandêmico. Os comerciantes de balsa do Equador entraram nessas comunidades com a intenção de negociar a venda de balsa. Este percurso começou em alto Santiago, na fronteira com o Equador, até chegar às comunidades de bajo Santiago.

Neste contexto, devido à restrição para as pessoas viajarem aos centros urbanos como La Poza para se abastecerem e ao impacto do coronavírus, que dizimou sua situação econômica, as famílias não conseguiram cobrir suas necessidades básicas, por isso viram no negócio de balsa uma oportunidade para aliviar a situação em que se encontravam.

A entrada maciça dos balseiros no território wampis sem nenhum tipo de controle expôs os habitantes a riscos como o coronavírus. Segundo o vice-*pamuk* Galois Flores: “Tuvimos dos problemas, el primero de la topa y después del COVID que llegó con el

ingresso de los ecuatorianos. El problema es que ellos traían COVID a la zona y las personas se enfermaban. Los ecuatorianos pasaban y el ejército no decía nada, entraban y salían como si fuera su propio país”.

A atividade de corte de balsa gerou conflitos internos, especialmente entre famílias, já que algumas eram a favor e concordaram em negociar com as vigas, enquanto outras se opunham a ela. Como era um dinheiro que as pessoas obtinham de maneira relativamente fácil, as pessoas envolvidas no negócio até invadiram as terras de suas famílias para extrair esta árvore, o que causou disputas entre famílias.

Todo ese problema era como una pequeña guerra en el territorio, entre las propias familias hasta hubo hasta pelea física. En cada comunidad habían entrado los intermediarios, ese tipo de personas vendían al precio más bajo y la gente vendía la topa (Alexis Santiago, 09/10/2021).

Desta forma, a tensão aumentou entre as comunidades tituladas e anexas, e entre as comunidades vizinhas. Como o território é grande e compartilhado, muitas das famílias foram afetadas quando o corte de madeira começou nessas áreas. As pessoas estavam divididas.

...incluso entre familiares empezaban a pelear, unos defendían a los extranjeros, otros querían expulsarlos. Se generaban peleas entre familias y entre comunidades tituladas, ocasionando peleas internas y se puede decir que analizando bien el caso de las comunidades tituladas con sus anexas han vivido divididas (Alexis Santiago, 09/10/2021).

Além disso, como a atividade foi realizada individualmente, a opinião do chefe da comunidade, mais conhecido como *limaru*⁸, eleito pelos membros da comunidade e responsável pelas questões territoriais da comunidade, não foi levada em consideração. Os representantes do Governo Territorial Autônomo, ou Governo Central, tampouco foram ouvidos, especialmente ao nível do *Tajimat Nugka*⁹, especialmente da bacia Kanus, na figura do *Waisram*, que é o Presidente do Governo de Cuenca.

A posição das autoridades era a de rejeitar categoricamente o corte indiscriminado de balsa dentro do território, porque não tinha um plano de gestão. Portanto, pode-se dizer que houve desprezo pelas autoridades representativas, o que levou a uma perda de respeito pelas normas da comunidade. De acordo com o testemunho de Atilio Santiago, “la población dejó de escuchar a las autoridades comunales y a la Nación Wampis. Se dejó de hacer caso a nuestras autoridades, la gente quería recibir ingresos. No se midieron las

⁸ Para maior referência, ver o seguinte endereço: <https://nacionwampis.com/necesaria-aclaracion-al-articulo-los-apus-y-la-ciudad-construccion-y-liderazgo-en-las-comunidades-wampis/>

⁹ Significa “Governo das Bacias”, visto que existem duas bacias no território wampis: Kanus e Kamkaim.

consecuencias” (06/10/2021).

Em relação ao preço de venda da balsa, como as pessoas não sabiam que esta madeira tinha um valor econômico, e dada a situação de necessidade das famílias devido à pandemia, os comerciantes aproveitaram a oportunidade e negociaram a um preço muito baixo, muito inferior ao preço que foi comprado dos equatorianos. O maior lucro neste negócio foi feito pelos comerciantes intermediários, que venderam a madeira para as empresas equatorianas a um bom preço.

Nas palavras do vice-*pamuk* Galois Flores, “el precio inicial del árbol era de 5 dólares, después pasó a 8 dólares y llegó hasta 10 dólares en Yama Nunca. Después fue bajando ese precio. En bajo y medio Santiago vendían a 5 dólares que fue el tope” (08/10/2022).

A renda obtida com a venda de topa, embora para algumas famílias representasse uma forma de atender suas necessidades básicas, para outras representava um problema sério, pois os homens usavam o dinheiro para comprar bebidas alcoólicas como cerveja, ou seja, o dinheiro era desperdiçado e desperdiçado no consumo de álcool.

Nas palavras de Alexis Santiago, um jovem participante da Escola “Sharian”:

Toda la comunidad se quedó dolarizada con la moneda de Ecuador, moneda extranjera. La gente tenía dinero, pero como digo, ellos pensaron que era una oportunidad, una salida ante la necesidad. La mayoría malgastaba su dinero, había negocios de licores. Casi era una costumbre ya tener dinero y gastarlo rápido, terminaban rápido ese dinero (Alexis Santiago, 09/10/2021).

De acordo com Leonardo Noningo, Diretor de Economia do GTANW, o dinheiro que as pessoas receberam com a venda da topa não foi investido na educação de seus filhos, na construção de casas ou na criação de animais, mas foi gasto em “satisfacciones personales”.

A pesar de que se ha movido dinero en nuestro distrito, habiendo generado más de 2 millones de soles en 6 meses, hubo un mal manejo de recursos. Ese dinero no ayudó a que la gente eduque a sus hijos, construyan sus casas, ni les sirvió para la crianza de animales, sino para satisfacciones personales. Se malgastaba el dinero y la gente empezaba a tomar e incluso ninguno de los que vendieron topa han podido abrir ninguna actividad comercial. No ahorraron su dinero, lo empezaron a malgastar (Leonardo Noningo, 07/10/2021).

Com o aumento do alcoolismo nas comunidades, os níveis de violência doméstica contra as mulheres aumentaram. Os homens se tornaram mais agressivos, desrespeitosos e mulherengos. Houve muitos maus-tratos às mulheres, tanto psicológicos como espancamentos. Muitos deles não o relataram por medo, ou se o fizeram, não houve repercussões porque não se acreditava neles, ou porque foi considerado normal devido ao

poder que os homens tradicionalmente têm tido.

Cuando ingresó la topa, los hombres empezaron a tener más dinero y compraban alcohol. Las mujeres sufrían las consecuencias, por eso algunas se iban de sus casas y ya no volvían. Existía mucho temor porque eran maltratadas (Doris Yacum, líder wampis, 14/10/2021).

O influxo de intermediários balseiros ao Peru e o dinheiro externo também gerou outros problemas, como o assédio de mulheres jovens e menores. A nova dinâmica social teve um impacto nas relações familiares, com casais discutindo muito e até mesmo se separando. Além disso, houve casos de tráfico de pessoas, com jovens mulheres sendo roubadas por comerciantes que as levaram sem o consentimento dos pais das meninas menores.

Con esa actividad también se generó una especie de conflicto social. Los ecuatorianos venían y sin permiso ni consentimiento de los padres de familia, tomaban a las mujeres y se las llevaban a sus países. Aquellas mujeres que fueron raptadas por los extranjeros no aparecen... no sabemos cuál es su paradero... Eso es lo malo, esta actividad generó caos social (Galois Flores, 08/10/2021).

Outro problema provocado por esta atividade foi a insegurança local. Em maio de 2021, a perda de uma garota Wampis foi registrada na comunidade de Boca Chinganaza, no distrito de Rio Santiago. De acordo com a versão de algumas pessoas da região, a menina foi sequestrada por madeireiros que a levaram rio abaixo para o Equador em uma canoa. Nas palavras de Atilio Santiago, “En Chinganaza hasta se perdió una niña, por esa invasión de los ecuatorianos. Las autoridades no han hecho nada al respecto. Hasta el día de hoy no se sabe nada de la niña” (06/10/2021).

Este fato mobilizou a nação wampis a tomar medidas para encontrar o paradeiro da garota. A este respeito, um mês após o evento, no sábado 5 de junho, uma delegação da Nação Wampis viajou para Tiwintza (Equador) para se encontrar com as autoridades locais e com o Conselho de Governo do Povo Shuar Arutam, e para unir forças na busca da criança.

Atilio Noningo, ex -secretário adjunto do GTANW ressaltou que “una delegación de la Nación Wampis (Perú) se reunió con autoridades locales y del Pueblo Shuar Arutam de Ecuador por la desaparición de la menor. El PSHA se sumó a la iniciativa conjunta para encontrar a la menor y hacer un seguimiento del caso en el territorio”.

Fotografía 2. Reunión de autoridades do GTANW e PSHA



Fonte: GTANW

Por outro lado, o impacto ambiental das actividades extrativistas no territorio tem afetado a biodiversidade amazônica. A abertura de trilhas e o corte de árvores nas ilhas levou ao desaparecimento gradual de espécies da flora e fauna silvestres.

A balsa é o lar de uma variedade de comunidades vegetais; o corte de uma árvore de balsa afeta os ecossistemas. Quando uma árvore de balsa é cortada, outras árvores ao seu redor são destruídas. Além disso, as flores de balsa produzem néctar noturno que é alimento para aves e alguns mamíferos. A sombra desta árvore fornece abrigo para as plantas que agora secam ao sol. Os pássaros que se alimentam das flores de balsa já não cantam como antes, os papagaios partiram em busca de novas casas.

Nas palavras de Leonardo Noningo, Diretor de Economía da WGANW,

Hubo disminución de la flora cuando se inició la actividad de la topa. Por ejemplo, hemos visto la disminución de esta especie de topa en las riveras del río Santiago, por la tala indiscriminada. Antes de la actividad había bastante madera de esta especie, incluso vivían demasiados pájaros que convivían con este árbol. Había una especie de loro pequeño, una superpoblación de loros pequeños en todo el sector del río Santiago, lo que ahora no podemos ver. Los ruidos que han generado para cortar la topa a través de motosierras han hecho que las aves, entre otras especies, se vayan más allá, a pernoctar en lugares donde no se escuchan esos ruidos. Esta es una de las desventajas que se ha visto, la disminución de aves y animales (Leo Noningo_07/10/2021).

No caso da fauna local, com o desenvolvimento das atividades madeireiras, o habitat dos animais começou a ser alterado. Eles fugiram da área devido ao barulho das máquinas, que era alto e os assustava, e porque seu espaço estava ficando cada vez menor. De acordo com Álvaro Pérez, “la balsa es parte de hábitats que se forman rápidamente y se configuran sitios de refugio, anidación. Y alimentación de especies como el tapir, el jaguar, aves como el papagayo, entre otros” (2022).

Nas palavras de Alexis Santiago, um jovem da comunidade de Kukuaza, ele diz o seguinte:

Esas topas, esos palos de topa tienen su tiempo, en verano florecen... entonces hay un pájaro más pequeño que el loro, se llama *piwicho* [*Brotogeris versicolurus*]. En su tiempo había cantidad de *piwicho*, porque esas topas como eran un palo natural, estaba parado, las aves venían. Había bastante topa y los piwichos venían desde tempranito, cantaban siempre hasta la tarde... pero ya cuando las personas tumbaron, era seco ya. Hasta vendieron semillas de topa, imagine todo eso.. Hasta los *piwichos* desaparecieron y otras especies... Eso nos estamos dando cuenta ahora (Alexis Santiago, 09/10/2021)

A caça de mamíferos para consumo direto pelos trabalhadores informais da madeira também alterou o habitat de espécies ameaçadas ou mais vulneráveis. A esse respeito, Alexis Santiago assinala que “los que no vendían topa vendían sus animales como majaz [*Cuniculus paca*], añuje [*Dasyprocta punctata*], a los madereros, porque como se instalaban en campamentos, tenían que comer, y la gente aprovechaba en venderles caro a ellos” (Alexis Santiago. 09/10/2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, concluo o artigo com seis ideias-chave em relação à extração ilegal e o comércio informal da madeira balsa no território wampis.

Na primeira parte, realizo uma descrição das formas de organização política dos wampis. Na segunda parte, abordo a dinâmica/o desenvolvimento da extração da madeira balsa de forma ilegal no território wampis por parte dos madeireiros ilegais. Na terceira parte, abordo o impacto da extração da madeira balsa de forma ilegal sobre as formas de vida dos wampis, questionando a ideia de desenvolvimento vinculado ao crescimento, progresso, extrativismo, e sobre o seu entorno natural.

A respeito da organização política dos wampis, na qual culmina no processo de formação do Governo Autônomo da Nação Wampis (GTANW), cada chefe da comunidade ratificou a integração da nação wampis e reconheceu o GTANW como sua máxima

autoridade em agosto de 2015. Esse tipo de organização política é uma reconfiguração na que enunciam e vivem na sua relação com o Estado nação.

Em relação a síntese da origem do desenvolvimento da extração ilegal de madeira, esse processo surge em base na demanda chinesa pela obtenção da madeira balsa para a produção de energia eólica. A madeira foi obtida no Equador, especialmente na Amazônia, e foi estendendo-se a atividade ao Peru afetando negativamente o território wampis.

A atividade extrativa da madeira balsa trouxe consigo diversos problemas gerando divisão nas famílias, na relação com as autoridades, e com os intermediários estrangeiros de balsa, entre outros. Diante disso, e na ausência do Estado peruano, os wampis fizeram frente ao problema e se organizaram e articularam para combater os efeitos nocivos dessa atividade.

Nesse sentido, a falta da presença estatal na Amazônia peruana não impede que desde o exercício da autonomia dos wampis exista um controle que legitime um modelo alternativo ao imposto.

Apesar de que o território wampis se encontra e não tem sido reconhecido pelo Estado peruano como um território integral, isto não há impedido que se lute pela defesa do território, gerando uma dinamização e articulação da organização respeito ao controle social do território como base de sua autonomia e livre determinação, o qual está amparado no marco jurídico internacional como na Declaração das Nações Unidas e do Convenio 169 da OIT.

A sociedade wampis não está completamente alheia, ignorando a organização estatal, mas, ao longo da história essa sociedade, buscou interagir sob a sua própria lógica, ainda quando se considere inferior ao modelo do progresso estabelecido, baseado sob uma relação de exploração.

Em resposta à baixa capacidade de decisão do Estado peruano frente às ameaças das grandes potências econômicas que governam o mundo e desejam impor esse único modelo de progresso, os próprios povos indígenas estão organizando novas formas de luta, reforçando alianças, e reinventando-se, a fim da proteção de seu território.

Trata-se de uma luta pela não assimilação a um tipo de sociedade que tenta impor um só Estado, uma economia de acumulação, um progresso tecnológico, entre outros, que não respeita nem dialoga com outras formas de organização social, política, econômica, como a dos wampis, que implica a destruição da existência e formas de vida dos indígenas incluindo seu floresta, seu espaço territorial, por meio da extração dos recursos naturais;

assim, eles buscam proteger seu território ancestral reivindicando seu autonomia, livre determinação e seu território ancestral.

Assim, o caso da nação wampis representa essa luta contra esse Estado que não reconhece sua autonomia, sua autodeterminação, seu território ancestral. Eles consideram que um indígena sem território é um indígena sem vida. Nesse sentido, seu propósito na defesa do território é a garantia da continuidade da existência cultural como uma cultura milenar amazônica do Peru, toma como base inseparável um sistema simbiótico entre homem-natureza que busca um modelo alternativo de vida chamado “tarimat pujut” ou “bem viver” como o estágio final do bem-estar social.

REFERÊNCIAS

Alianza por Derechos Humanos. **Alerta 68**. 4 líderes indígenas Wampis y un grupo de 14 jóvenes fueron secuestrados varias horas por intermediarios ecuatorianos vinculados a la tala y comercialización ilegal de madera en la provincia de Morona Santiago y liberados en horas de la noche, 2 dez. 2020. Disponível em: <https://ddhhecuador.org/sites/default/files/documentos/2020-12/Alerta%2068%20%281%29.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2022.

BARCLAY, Frederica; NONINGO, Shapiom. El camino de la autonomía de la Nación Wampis. In: GONZÁLEZ, Miguel, BURGUETE CAL Y MAYOR, Araceli; MARIMÁN, José; ORTIZ-T, Pablo; FUNAKI, Ritsuko (orgs.). **Autonomías y autogobierno en la América diversa**. Cuenca-Ecuador: Universidad Politécnica Salesiana, 2021.

BARCLAY, Frederica. Estudio de caso sobre protocolo autónomo de consulta indígena en países de América Latina: Perú. In: MILLALEO HERNÁNDEZ, Salvador. **Protocolos autonómicos de consulta previa indígena en América Latina**: estudios de casos en Bolivia, Brasil, Chile, Colombia, Honduras, México y Perú. IWGIA, 2020.

CALDERÓN, Luis. **Hacia una radiografía de los pueblos awajún y wampis del Alto Marañón, Amazonas**. Lima: Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) / Proyecto de Conservación de Bosques Comunitarios (CBC), 2013.

CASTILLO, Marlene. **Casi invisibles, conservando y defendiendo el bosque**: Mujeres awajún y wampis en el Alto Marañón. In: SANTISTEBAN, Rocío Silva (ed.). **Mujeres indígenas frente al cambio climático**. Lima: IWGIA, SERVINDI, ONAMIAP, COHARYIMA, 2019.

DESCOLA, Phillipe. **Más allá de naturaleza y cultura**. Buenos Aires. Amorrortu, 2012.

GPPD-CNDDHH. **Balance de la política de protección de personas defensoras en el Perú**. Audiencia- 179° Periodo de sesiones Perú. [Audiencia]. CNDDHH, 2021.

GREENE, Shane. **Caminos y carretera: acostumbrando la indigenidad en la selva peruana**. Lima: IEP; COMISEDH; DED. (Estudios de la Sociedad Rural, 38), 2009.

GTANW. **Informe jurídico del derecho al territorio de la Nación Wampis**. Rio Santiago: GTANW, 2017.

GTANW. **Pacto socio político, acuerdos y compromisos. Preservación y Conservación de recursos vivos, naturaleza: tierras, territorios, bosques y biodiversidad**. In: IV Cumbre del GTANW, 2016.

IWGIA. **Los derechos de los pueblos indígenas a la autonomía y autogobierno como una manifestación del derecho a la autodeterminación**. Copenhague: IWGIA, 2019. Disponible em: https://www.iwgia.org/images/documentos/Libros/LosDerechosdelosPueblosIndigenasalaAutonomiayelAutogobierno_ES.pdf. Acceso em: 15 jun. 2022.

NIEDERBERGER, Thomas. **Were the Nonhumans in Bagua? The Gobierno Territorial Autónomo de la Nación Wampis and the Emergence of Vertical Territoriality in the Northern Peruvian Amazon**, *Alternautas* 7(1), 2020.

ODDO, Debora & VEGA, Ismael (2020). **Imaginando y construyendo naciones indígenas en la Amazonía peruana: territorios integrales y gobiernos autónomos de los pueblos wampis, awajún y achuar**. *Amazonía Peruana*, XVII (33), 59-85.

PÉREZ, Wrays; DELGADO, Deborah. Autonomías indígenas en la Amazonía peruana: la experiencia del pueblo wampis. **Debates en Sociología**, n. 49, 2019.

PÉREZ, Wrays; OKAMOTO, Tami; NIEDERBERGER, Thomas. **Iña Wampisti Nunke: el territorio integral de la Nación Wampis en la Amazonía Peruana**, 2021. Disponible em: <https://report.territoriesoflife.org/wp-content/uploads/2021/05/ICCA-Territories-of-Life-2021-Report-Case-Peru-ESP.pdf>. Acceso em: 3 out. 2021.

REGAN MAINVILLE, James. **Los awajún y wampís contra el Estado: una reflexión sobre la antropología política**. Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2010. Disponible em: https://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtualdata/publicaciones/inv_sociales/N24_2010/pdf/a02.pdf. Acceso em: 23 mar. 2022.

RIOL, Raúl. **La construcción del cenepa como lugar indígena, una historia awajún y wampis de relación y defensa del territorio**. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2015.

TAYLOR, Anne-Christine. Las máscaras de la memoria. Ensayo sobre la función las pinturas corporales jívaro. In: CHAUMEIL, Jean-Pierre; PINEDA CAMACHO, Roberto; BOUCHARD, Jean-François (eds.). **Chamanismo y sacrificio: perspectivas arqueológicas y etnográficas en sociedades indígenas de América del Sur**. Bogotá: Fundación de Investigaciones Arqueológicas Nacionales, Banco de la República, Instituto Francés de Estudios Andinos, 2005.